

Crescer na produção e na preservação

Pecuaristas e governo do Mato Grosso ajustam foco em grandes metas, apostando em uma pecuária mais sustentável.



FOTOS: LUIZ H. PITOMBO

Cerca de 1.400 pessoas participaram do Circuito InterCorte em Cuiabá, sendo 90% pecuaristas.

LUIZ H. PITOMBO
de Cuiabá, MT.

Sede da primeira etapa de 2016 do Circuito InterCorte, no início de março, Cuiabá trouxe um bom panorama de como andam a disposição e as preocupações dos pecuaristas de corte em Mato Grosso. O Estado conta com o maior rebanho do País, de 29 milhões de cabeças. O ímpeto é o da busca de avanços na recuperação de áreas degradadas, na intensificação e em agregar valor à carne, que hoje tem preços abaixo do esperado. A questão logística e o alto custo do frete de insumos, como o calcário, também não agradam, assim como algumas questões relacionadas ao meio ambiente. De todo modo, a atividade tem se mostrado rentável e o pecuarista, investido.

Muitos produtores se empenham em dar vida nova às pastagens, promover a integração lavoura/pecuária e obter o maior rendimento possível de forma econômica. Se em 1996 a produção média no Estado era de apenas 1,3 @/ha/ano, chegou-se a 3,15 @/ha/ano em 2015, ou 138% a mais, embora existam áreas intensificadas

onde o rendimento sobe para 30@/ha/ano. Sem estes ganhos e a melhoria da lotação, calcula-se que aos atuais 24 milhões de ha de pastagens precisariam ser acrescidos outros 18 milhões de ha oriundos de matas. Mas ainda há muito o que fazer, tanto para a sensibilização e informação dos pecuaristas quanto na aplicação de novas técnicas.

Para cuidar da qualidade da carne e projetá-la nacional e internacionalmente, uma vez que 80% da produção vai para outros mercados, o governo lançou durante o evento o Instituto Mato-Grossense da Carne (Imac), único do gênero no País e com direito a selo de qualidade e embalagem próprios. Ele atuará em vários segmentos da cadeia. O primeiro trabalho, já acertado, é o da instalação de balanças sob sua responsabilidade na indústria para a pesagem de carcaças. Os testes vão se iniciar em junho, em planta da Marfrig.

Alexandre Possebom, secretário adjunto de Agricultura da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do MT, diz que o Imac não é uma ação isolada. Ele lembra que, em dezembro, durante a Conferência Global do Clima, a COP 21, em Paris, foi apresentada pelo governador Pedro Taques uma série de metas voluntárias do Estado para a redução das emissões de carbono até 2030.

Possebom explica que elas serão realizadas por meio de um projeto com três suportes: o de produzir (ligado à Secretaria de Agricultura); o de conservar (Secretaria do Meio Ambiente), e o de incluir, na Secretaria da Agricultura Familiar. “A meta é recuperar, em 14 anos, 2,5 milhões de ha de pastagens, dobrando a produção média para 6,3@/ha/ano. Além disso, destinar outros 3 milhões de ha de pastos de baixo rendimento para agricultura ou para a integração, além de estabelecer 500 mil ha de florestas, também em áreas degradadas”, diz Possebom.

O fim do desmatamento ilegal proposto é para 2020, dez anos antes do que para o restante do País, sendo que o Estado já mantém 62% dos 90 milhões de ha de sua área total conservados na forma de reservas ou áreas de preservação permanente. Dentre as ações em andamento, aponta a maior difusão do Programa ABC, que estimula a agricultura de baixo carbono e tem linhas de financiamento para a integração lavoura-pecuária e a melhoria de pastagens, o que favorece, por consequência, a qualidade da carne com o abate de animais precoces.

Atento à logística, o secretário afirma que Mato Grosso possui uma grande malha rodoviária mas que não é as-



Alexandre Possebom, secretário do MT: projeto para reduzir emissões passa pela pecuária.

Maior interesse

Realizada em Cuiabá, capital do Mato Grosso, entre 2 e 3 de março, a primeira etapa de 2016 do Circuito InterCorte registrou a participação de 1.406 pessoas, 90% delas pecuaristas, representando um aumento de 28% na comparação com o ano passado, quando ainda era chamado de Expocorte. “Foi apenas uma mudança de nome, pois as propostas de levar informação ao produtor e promover a integração da cadeia permanecem as mesmas”, explica Carla Turccilio, diretora da Verum Eventos, que em conjunto com a Acrimat e a Sociedade Rural Brasileira promoveram o encontro. Também houve aumento no número de expositores, que atingiu 24 estandes, seis a mais que em 2015. A diretora fez uma avaliação positiva da etapa e afirma que movimentação ficou acima do esperado. Uma novidade foi a organização da Beef Week, reunindo sete restaurantes distribuídos pela cidade, que preparavam pratos especiais de carne bovina aos participantes do evento. Igualmente terão este tipo de promoção as etapas de São Paulo e Campo Grande.



Allan Gonçalves, pecuarista no MT: “Não há outro caminho a não ser o da intensificação”

faltada. “Mas o atual governo estadual tem um plano audacioso de asfaltamento dessas vias”, garante. Quanto ao acesso ao calcário, utilizado para corrigir a acidez do solo do cerrado, apesar de existirem boas jazidas, elas são exploradas somente perto de áreas agrícolas, e não de pasto. O que se pode fazer, e vem sendo feito, segundo o secretário, é favorecer o aumento da demanda entre os produtores por meio da informação para que a iniciativa privada invista na extração perto das áreas de pecuária.

José João Bernardes, presidente da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), se manifestou sobre aspectos envolvendo o meio ambiente. Ele diz que o pecuarista do Estado se considera um credor neste aspecto, pois “mais de 60% do território está preservado, já ocorreu uma redução drástica na abertura de novas áreas e houve investimento grande em pastagens, sendo que nos últimos cinco anos mais de 3 milhões de hectares passaram para a agricultura”, ressalta. Enquanto isso, diz que muitos países não possuem exigências de reserva legal e nem de área de preservação. No entanto, reconhece que MT ainda detém pastagens que podem ser mais bem aproveitadas, a começar pela simples adoção de um manejo adequado.



Celso Bevilaqua, pecuarista no MT: trabalho de recuperação e intensificação.

Diferença maior de preço

Pecuaristas chegaram a reclamar dos valores recebidos pela carne. Ao avaliar, porém, o resultado econômico da atividade, Bernardes considerou que as margens se reduziram, porém ainda é possível ter rentabilidade. “A questão é que a arroba no Estado fica em média entre 12% e 13% menor que São Paulo, por causa da distância e dos impostos. Mas agora está em 15%”, diz. No início de março, isso significava uma cotação de R\$ 135/@ à vista no sudeste do MT, ante R\$ 155,50/@ em Araçatuba, SP. Ele atribui tal situação ao grande número de plantas fechadas, 21 de um total de 41 existentes,

resultando em poucas opções de venda e em um mercado concentrado na indústria.

Bernardes, da Acrimat, fez, ainda, um balanço positivo do evento a partir da boa participação nas palestras e do interesse demonstrado pelas mudanças no cenário da produção. Dentre estas, apontou o maior acesso à genética, a evolução do manejo, a rotação de pastagens e a integração com a lavoura, “que considero muito positiva e que pode ser realizada também por meio de parcerias com agricultores”, ressalta. Já o economista e também pecuarista Amado de Oliveira Filho, consultor da associação, avalia que houve especial atenção na elaboração da parte técnica do evento em mostrar uma atividade cada vez mais determinada pelos anseios do consumidor, “numa visão do prato ao pasto”.

Também houve influência de uma pesquisa realizada em 2015 entre pecuaristas do Estado que participaram do projeto Acrimat em Ação, que capta demandas e leva informação ao campo. Foram analisadas as repostas de 1.469 pecuaristas, que mostraram que nos últimos cinco anos 86% dos produtores realizaram investimentos na propriedade, em particular na reforma de pastagem (37%). Isto fez, segundo Oliveira, com que incluíssem palestra sobre o tópico, além de definirem os temas do trabalho de campo deste ano que versarão sobre a intensificação racional, com sustentabilidade econômica, social e ambiental.

Sem discussão

Os desafios da recuperação de pastagens degradadas na Amazônia foi o tema específico para a etapa de Cuiabá abordado pelo engenheiro agrônomo Moacyr Bernardino Dias-Filho, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA. Ele fez um breve histórico da ocupação na região e apontou que no Brasil, em geral, ainda se adotam práticas semelhantes à era colonial: ausência de adubação, sementes de baixa qualidade, ausência de pastejo inadequada e fogo. Confirmando o que muitos pecuaristas já perceberam, diz que a recuperação das áreas degradadas tem papel decisivo na modernização da pecuária na Amazônia Legal. Ele comparou índices zootécnicos médios estimados para a região, mostrando uma taxa de natalidade de 60% com pastagem em degradação e de 85% numa área melhorada. Já a idade à primeira cria pode cair de 4 anos para 2,5 anos e a idade de abate de 4,5 para 2,5 anos.

Dias-Filho cita algumas ações importantes para que este processo se consolide, como a contratação de mais pesquisadores, a geração contínua de tecnologia e de novas cultivares. Como os processos de recuperação são onerosos, podendo variar de R\$ 700 a R\$ 2.000/ha, enfatizou a necessidade de investimentos e financiamento públicos, apontando a existência de alguns deles (Pronaf, Moderfrota e Programa ABC). A esses aspectos, acrescentou a necessidade da melhoria ou criação de cursos voltados à formação de profissionais da área e o fortalecimento da assistência técnica.

O pecuarista Celso Bevilaqua possui 3.200 cabeças de Nelore e cruzados na região de Alta Floresta, norte

do MT, já na Amazônia Legal. Ele reconhece a vital importância do trabalho de aumento da produtividade da pecuária, garantindo sua viabilidade econômica, inclusive fazendo frente ao avanço da agricultura. Neste sentido, vem há três anos recuperando e intensificando pastagens, parte com recursos próprios e parte com recursos de projeto da ONG Instituto Centro da Vida e de fundo europeu. Sua experiência tem mostrado que os investimentos valem a pena, destacando, por outro lado, que Mato Grosso entra, agora, em uma nova etapa de sua pecuária de corte, com a criação do Imac.



Moacyr Dias Filho, da Embrapa, diz que recuperar áreas degradadas é essencial na Amazônia.

“O futuro é simples, é preciso reformar as pastagens e intensificar a produção, não tem o que discutir, pois a terra é cara e não tem disponível”, sentencia Allan Paulino Gonçalves, que administra a propriedade da família em Porto Esperidião, a sudoeste do Estado, na fronteira com a Bolívia, com 1.900 cabeças entre Nelore e touros Brahman para cruzamento. Frequentador habitual dos eventos da Verum, elogiou o conteúdo das palestras, mas diz que guarda especial atenção quanto aos contatos comerciais que realiza com empresas, frigoríficos e produtores de sal mineral.

Na propriedade, conta que não existe infraestrutura que permita fazer a interação com agricultura e nem mão de obra qualificada, mas diz que já introduziu a

Cartel será investigado

As reclamações dos pecuaristas têm sido frequentes quanto ao fechamento de plantas frigoríficas no Estado, o que favoreceria o estabelecimento de um monopólio, com o aviltamento dos preços da arroba paga ao produtor. Foi a partir de contato com pecuaristas que o deputado estadual Ondonir Bortolini, o “Nininho”, decidiu instalar em março uma CPI na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, que terá 180 dias para apresentar seus resultados, prazo que poderá ser prorrogado em caso de necessidade. Integram a CPI mais quatro deputados, técnicos e advogados. Além da questão dos preços em si, será verificado como empresas financiadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) têm atuado, por exemplo, na compra seguida de fechamento de plantas da concorrência, e prejudicando a economia regional.

prática de reformas anuais programadas das pastagens com a adoção de práticas de controle da erosão e a subdivisão das antigas invernadas em áreas menores, permitindo seu melhor aproveitamento. ■

Potenzya Complexo enzimático para **potência máxima** do seu confinamento

+ 14% GDP
- 15% C.A.
- 73% Desperdício de grãos
=
Eficiência máxima do seu investimento

Potenzya é um produto com a qualidade Safeeds. www.safeeds.com.br | 45 3309 5000